

RESENHAS DE LIVROS

*Suely Mizumoto**

FANTI, S. (1990). *Life in micropsychoanalysis*. Londres: Routledge, 325 f. ISBN: 0-415-01019-5. U\$ 35.00.

Uma nova técnica para a psicanálise: a micropsicanálise de Silvio Fanti*

Silvio Fanti concluiu a formação médica em Viena, tendo estudado em Zurique e Genebra. Fez a formação psicanalítica em Nova York e Genebra. Foi presidente honorário da Associação Internacional de Micropsicanálise, fundada em 1973, com institutos de formação na Itália, França e Suíça. Principais publicações: *J'ai peur, docteur; Le fou est normal; Contre le mariage; L'Homme en micropsychoanalyse; Dictionnaire pratique de la psychanalyse et de la micropsychoanalyse; Jusqu'où aimer ses enfants?; Après avoir; Confidences d'une japonaise frigide*.

A leitura da inédita obra de Silvio Fanti, no Brasil, dada a inexistência de material traduzido para o português, sugere um desafio inicial para a compreensão de uma nova teoria a partir da busca de termos equivalentes, que reproduzam fielmente seus pilares conceituais.

A obra descreve o movimento da descoberta da micropsicanálise – como Teoria e Método –, em 1953, trazendo uma inovação ao apresentar sua realidade metapsicológica como o estudo da imagem, por meio de recursos técnicos diferenciados, que favorecem uma expansão criativa do método psicanalítico. Esclarece o autor

* Resenha comentada do livro de Silvio Fanti.

** Psicóloga clínica e psicoterapeuta, com especialização em psicanálise pelo Sedes Sapientiae.

Correspondência sobre este artigo deve ser encaminhado para Suely Mizumoto.

E-mail: suely_mizumoto@yahoo.com.br

que essa imagem não se relaciona com imagens sensoriais, eidéticas, alucinatórias, hipnopômicas, hipnagógicas, fantasias ou devaneios.

A imagem é puramente energética sendo “(...) um fragmento do cosmos internalizado pela vida vivida” (p. 106). Sua manifestação se realiza por meio de “(...) demandas, pressões e imposições de controle (...) dadas pelo superego por razões de simples economia, sendo uma via de contato com o vazio do universo (...) contém os germes e a impressão dos maiores estágios de desenvolvimento do homem (...)” (p. 108). Cada detalhe da vida constitui um retrato micropsicanalítico de uma identidade pessoal a ser analisado pela imagem.

A imagem é “(...) formada por todas as representações existentes durante a vida intra-uterina e primeira infância, bem como por resíduos mnêmicos de todas as representações da linha ancestral. Seu material de representação é o ambiente no qual a criança cresce e as pessoas que habitam este ambiente, como pai, mãe e irmãos. Há enorme importância também nos avós e pessoas que dependem cuidados, como enfermeiras e babás, bem como animais de estimação e objetos familiares afetivos” (p. 106).

Na micropsicanálise, trabalha-se, segundo o método da associação livre, relacionando o material vital cotidiano, não só o que tem aparecido ao longo da vida como desde a última sessão. São realizadas sessões longas diárias e não menos que 15 horas semanais, o que assegura que a microanálise complete-se em poucos meses, diferentemente do processo psicanalítico convencional que se estende por muitos anos a fio.

As longas sessões provam que a incapacidade em compreender o vazio do universo é causada por medo inconsciente por parte do analisando em se confrontar com seu próprio vazio psíquico original, o que pode ser expresso sob a forma de frases recorrentes e é passível de ser estudado também pela análise dos sonhos e do silêncio. Este é entendido como representante da resistência em sua maior forma e sugere-se ao analista sua compreensão sem interrupções, mesmo que dure horas seguidas.

A metodologia micropsicanalítica engloba a prática de gravações das sessões para estudo detalhado da relação entre analista e analisando, a fim de se averiguar, posteriormente, o conteúdo emocional e

outros detalhes e lembranças ocorridos nessas ocasiões. A maneira e a intensidade com as quais o analisando vivencia o vazio seriam excelentes indicações de sua ansiedade inconsciente e de sua progressiva eliminação (p. 38), sendo o sonho a mais reveladora fonte do vazio do universo psíquico, principalmente sob a forma de pesadelos.

O estudo de fotografias, slides, filmes e outros materiais audiovisuais pertencentes ao analisando, que denotam sua relação com a família e entes próximos ao longo de toda a vida pessoal, é um dos indispensáveis instrumentos da micropsicanálise. O analisando faz comentários, examinando detalhadamente esse material, que deve estar sob a forma amplificada, asseverando que uma Imagem possa trazer do inconsciente para consciência um conteúdo muito aprofundado.

Silvio Fanti, quanto aos recursos técnicos, trabalha também com a elaboração do desenho da casa de infância, com a visita a estes lugares e com a construção da árvore genealógica familiar, dando importância às pessoas próximas. Também enfatiza o estudo da correspondência pessoal, inclusive profissional, bem como de outras produções do analisando. Há a recomendação eventual de se realizar, simultaneamente, o tratamento psicanalítico de pessoas da família ou próximas.

(1) Void: traduzido para vazio ou vazio do universo.

A micropsicanálise refere-se ao que “(...) precede esta vida e ao que vem depois, desde a fertilização, vida intra-uterina e nascimento (...) à vida da criança e do adulto, crescendo e morrendo (...)” (p. 8)”. “(...) é o homem em sua inteireza, suas origens, o ambiente em que vive, como ao que se era antes de morrer e ser recriado (...)” (p. 1).

Silvio Fanti focaliza sua abordagem no sentido da busca, localização e dissecação das experiências de contato (2) originadas a partir de colisões fortuitas e da liberação de oscilações da organização da energia elementar, pilar constitutivo do vazio do universo, ponto focal técnico e teórico para o estudo da micropsicanálise. A imagem é uma via de acesso da representação do vazio ou vazio do universo.

A primeira consideração do vazio do universo advém da idéia da origem do universo emergindo do caos e em contínuo processo de criação. Todas as formas de vida seriam um resultado de processos elétrico-químicos decorrentes de uma organização energética do

vazio do universo – berço e túmulo da vida. O material do vazio do universo é uma continuidade entre o nível cósmico, atômico e biológico. Como fonte da vida, é um continuum sem distinção entre vazio do universo material e vazio do universo psíquico.

A organização da energia elementar está perpetuamente em *status nascendi*, de forma difusa e ilimitada, essencialmente neutra, sem finalidade, homogênea e livre. Ela evolui para um ponto de não retorno e, por uma seleção casual potencial da dinâmica neutra dessas experiências de contato, surge a fonte de energia primeva (3). É o gatilho inalterável e universal. O único instinto psicobiologicamente determinado em relação à sobrevivência. “Pertence à vida, mas não conhece nada da vida (...)” (p. 50). Do momento em que somos concebidos até morreremos, a fonte de energia primeva tende a expressar o “princípio vital celular da geração espontânea” (p. 51), sendo sua característica a relatividade, expressa sob a forma de oscilações energéticas das quais a experiência de contato emerge e, sob a influência de um sistema de pulsões, (4) faz originar presenças (5) materiais, biológicas e psicológicas. Estruturada por condensações acidentais, cria as pulsões evoluídas (5), nível mais avançado da pulsão como um equivalente de ramificações da pulsão de vida e de morte responsáveis por certos *sets* ou configurações de experiências de contato psicobiológicas.

(2) Trial: segundo o autor, o termo deve ser traduzido como experiência, teste ou tentativa, nunca no sentido de julgamento, inquérito ou acusação; para uma compreensão mais aproximada do termo, foi traduzido como experiência de contato.

(3) Ide: termo não passível de tradução; para melhor compreensão do texto, utilizou-se a expressão fonte de energia primeva.

(4) Drive: traduzido para pulsão.

(5) Entity: traduzido por presença.

(5) Co-drives: traduzido para pulsão evoluída.

A pulsão de morte surge como a propensão a retornar ao vazio do universo, engendrando a pulsão de vida, nascida como uma possibilidade da própria deflexão. Ao contrário de Eros ser vida, e Thánatos ser morte, no vazio do universo, Thánatos molda o Eros

nos termos de suas pulsões e, basicamente construtivo, fonte de vida, gera o vazio do universo criativo ou criador.

“Representações e afetos são os dois modos psíquicos de expressão das pulsões e consistem, em nível do id, de uma energia impressa nas presenças psicobiológicas, desencadeando configurações de experiências de contato estruturadas sob a forma de presença psíquica e, em nível inconsciente, são presenças psíquicas cuja estrutura procede segundo o esquema estabelecido pelo processo primário” (p. 88).

A pulsão de vida e de morte tem como delegados uma espécie de extensão móvel: as pulsões evoluídas ao nível das presenças psicobiológicas. Já as pulsões evoluídas têm como delegados as representações e afetos no inconsciente, via id. “As representações referem-se à fonte e ao objeto e, da experiência condicionada pelas pulsões evoluídas e via id, traduzem e memorizam no inconsciente o conteúdo psíquico ou somático das excitações endógenas ou exógenas e o conteúdo do programa de metabolização de objetos e objetivos. Originalmente quantitativos, são fundamentalmente qualitativos e trabalham com derivados, tal como coisa/palavra – representação. Os afetos referem-se à pressão da pulsão e sua finalidade, memorizando no inconsciente o conteúdo da tensão da presença psicobiológica permanecendo quantitativos e qualitativos somente quando acoplados a certas representações pré-conscientes e da consciência (...)” (p. 89). Em verdade, coloca o autor que existe pouca diferença entre representações e afetos como energia e condensações dentro do inconsciente, sendo o afeto mais primário que as representações.

No id, as experiências de contato se configuram em uma especificidade psíquica ou somática, transformando-se em presenças energéticas grandemente influenciadas por representações e afetos, passando a formar uma ponte de energia entre o id e o inconsciente. “O id é essencialmente pré-somático e pré-psíquico, consistindo o inconsciente somente no que o id traz. O id funciona como uma placenta, conectando a fonte de energia primeva ao inconsciente, pré-consciência e consciência por um lado e, por outro, às células” (p. 93).

“A fonte de energia primeva é o legislador do inconsciente e estabelece leis conjuntamente com o sistema de pulsões, que alimen-

ta sua manifestação existencial (...) transferindo sua força para o trabalho dos sonhos (...)” (p. 103).

A micropsicanálise focaliza três atividades cardinais, sendo que, da fonte de energia primeva, a semente de toda atividade é o sonho ou *sleep-dreaming*, do qual dependem a agressividade e a sexualidade. Sobre o sonho, o autor apresenta vários estudos de diferentes estados do sono.

Silvio Fanti discorda de S. Freud quanto ao sonho ser a satisfação de um desejo infantil. A micropsicanálise afirma que esses desejos caminham pelo período intra-uterino e pela ancestralidade de todas as raças, origens e religiões. Apresenta a concepção de fronteiras tribais: sonhos semelhantes em pessoas da mesma família como uma “(...) linguagem paleontofilogenética e seu eco do orgânico ao mineral, podendo se retornar ao tempo em que se precede a existência como seres humanos” (p. 132).

O “(...) conteúdo latente de cada sonho em cada homem é agressivo sexual considerando a agressividade mais primária que a sexualidade sendo, portanto, o sonho a atividade básica de onde a sexualidade e agressividade dependem” (p. 138).

Quanto aos pesadelos, a micropsicanálise considera os sonhos com uma composição sexual agressiva traumática de caráter infantil ou intra-uterino sob a forma de uma erupção maciça e brutal do inconsciente para a consciência. Sua ausência seria mais perigosa que o câncer. O sonho é definido como “o coração psíquico do homem ou, de um ponto de vista psicossomático, como o coração do coração” (p. 147). A existência de resíduos ou imperativos noturnos, a exemplo dos diurnos, seria desencadeante de ordens pós-hipnóticas, exercendo um efeito prolongado sobre o estado de vigília.

Com relação à agressividade, compreende-se que há uma organização libidinal fetal que atua como uma guerra intra-uterina, na qual o feto responde a cada microdetalhe da psicosssexualidade materna como sentimentos de ansiedade, medo, sensações, percepções, funções biológicas e condições ambientais presentes. Denomina-se essa fase como o Estágio Inicial da Organização Sexual com conse-

qüências psíquicas para o desenvolvimento da sexualidade e agressividade do ser humano adulto.

A falsa presença da mãe é apontada como uma ausência de fato passível de ser observada enquanto desdobramento no psiquismo adulto por meio do uso de fotografias. “(...) Sexualidade é a terceira atividade cardinal focalizada pela micropsicanálise e vem psicobiologicamente depois do sonho e da agressividade” (p. 192).

Na relação com o sado masoquismo, situa-se a sexualidade como imediatamente dependente da organização energética do vazio do universo, inerente às experiências de contato relacionadas às pulsões de vida e de morte, com a sexualidade a serviço da agressividade provendo o ímpeto para as relações objetais.

Silvio Fanti discorre sobre a teoria do complexo de Édipo como sendo um sinônimo não somente para a agressividade inconsciente da criança em relação aos pais, mas também dos pais em relação à própria criança, o que define como sendo Édipo II.

Quanto ao amor, seria uma tentativa para se evitar a solidão e reconquistar o afeto materno. Já, em relação ao orgasmo, existiria no ser feminino uma familiaridade com o vazio. E conhecer o Vazio, segundo a micropsicanálise, é conhecer-se a si mesmo.

O autor aborda os estados psíquicos como uma oscilação constante entre normalidade, neurose e psicose. Considera o “(...) estado normal como sendo de uma afinidade psíquica com o vazio do universo, uma integração de experiências de contato psíquicas na dimensão individual e social e uma plasticidade de telas icônicas (...)” (imagem). Define a neurose como sendo constituída por

(...) uma rigidez acentuada das telas icônicas, integração falha nas experiências de contato psíquicas também na dimensão individual e social, considerando-a, contudo, mais como uma desordem psicoafetiva do que uma manifestação mórbida, situando a grande maioria dos seres humanos neste estado. Referindo-se à psicose, descreve um (...) estado de extrema rigidez das telas icônicas com integração narcísica das experiências de contato psíquicas falhando na dimensão individual e social (...) (p. 227).

Quanto ao estudo de transtornos psicossomáticos, o câncer e a psicose são descritos enquanto um arranjo anárquico das pulsões, situados respectivamente no pólo somático ou psíquico do id .

Há ainda o estabelecimento de conexões entre as aberturas ou orifícios do corpo, como a cavidade oral, uretral e auditiva, enquanto funções biológicas com diferentes afecções psicossomáticas.

A micropsicanálise aplicada à gerontologia apresenta-se como uma possibilidade de análise de pessoas senis pelo recurso técnico micropsicanalítico do estudo de fotografias face à vivacidade e clareza da memória de evocação em detrimento da fixação, estabelecendo, ainda, uma correspondência entre fases da senilidade com a puberdade, a infância e a vida intra-uterina.

Algumas considerações

Silvio Fanti, em sua micropsicanálise, expande criativamente o método psicanalítico ao apresentar recursos técnicos diferenciados, que favorecem o estudo de detalhes componentes das representações imagéticas reveladoras do universo psíquico.

Com relação ao emprego de fotografias pessoais e da família, existe um sentido emocional implícito prévio na procura e na seleção dessas imagens, enquanto resgate da história pessoal, sendo possível, a partir da disposição interior para a busca desses “retratos”, a mobilização, intensificação e aceleração de conteúdos psíquicos profundos bem como a própria evolução do processo psicoterápico.

A elaboração do desenho da casa de infância, a árvore genealógica familiar, a importância dos avós e pessoas de convívio próximo, de animais de estimação e de objetos afetivos sugerem cenas de como a pessoa e a família realizaram a composição de sua existência, bem como a alusão a qualidades e atributos dos ancestrais, determinantes de padrões éticos a serem alcançados, presentes na formação da identidade emocional do ser – cada detalhe da vida constituindo um retrato micropsicanalítico de uma identidade pessoal a ser analisada por meio da imagem.

As imagens são cenas que revelam por si mesmas, por meio de “retratos” reais ou descritos, a síntese de seus conflitos e, no momento

da apreensão dos detalhes, a denúncia do ser aprisionado no instante estagnado. Gravações incrustadas no universo emocional antes mesmo do existirem e expressas sob a forma de uma projeção implícita nas narrativas são por si só desobstrutoras da concepção de si mesmo.

O autor, ao adotar as sessões longas sem intervenções no silêncio do analisando, demonstra a intenção de facilitar a emergência da experiência de contato intensa com o vazio do universo psíquico e, com isso, gerar o enfraquecimento de defesas para o surgimento de ansiedade de base persecutória arcaica e sua constituição superegógica.

O autor trabalha segundo o método da associação livre de idéias, mas não esclarece como realiza o manejo da transferência, bem como qual é o momento indicado para a apresentação e utilização desses recursos.

Não houve exatamente o seguimento dado pelo autor em virtude da inexistência de um capítulo específico para sua metodologia então apresentada, ao longo de sua obra, por via de inúmeros exemplos clínicos, excertos de processos psicoterápicos vários, inclinados em sua culminância sintônica a corroborar sua teoria. A apresentação do desenvolvimento de um processo evolutivo único poderia ser um norteador esclarecedor maior de sua estratégia clínica.

Importante se faz salientar que essa apresentação foi realizada a partir de seu original, em idioma da língua inglesa, o que estimulou a compreensão do pensamento do autor no que tange à manutenção da fidelidade da tradução para a língua portuguesa sendo a mais precisa possível, bem como a necessidade de serem encontrados termos equivalentes, que reproduzissem perfeitamente o sentido impresso pelo autor, a exemplo de “trial”, “void” e outros, como “drives”, “co-drives” e “Ide”, indicativos de um fenômeno não passível de tradução, portanto, mas passível, contudo, do uso de termos conjugados explicativos maiores, a exemplo de Ide como fonte de energia primeva.

Concluindo, a micropsicanálise e seus recursos inteiramente genuínos poderiam ser compreendidos à luz de uma ampliação do método enquanto uma nova técnica e uma nova abrangência teórica para a psicanálise. Todavia, é possível que, à época de suas descober-

tas, face à ortodoxia vigente nos meios psicanalíticos, Silvio Fanti não se enquadrasse nos moldes existentes, preferindo uma posição teórico-metodológica de inovação em vez da possibilidade de uma extensão criativa para a psicanálise já existente.

Em sua teoria, sua concepção de macrocosmo inserido em cada microcosmo individual, a percepção delicada da fronteira entre o corpo e a mente, assim como entre indivíduo e meio, resposta “orgânica” do ser a tudo o que é existente, traz uma concepção do existir como sendo de um contato singular com o movimento único do universo, não tão estruturalista e reverenciador da vida interior destituída da interferência do ambiente.

Sendo assim, é realizada uma aproximação da psicanálise com a física quântica. “(...) é possível que a micropsicanálise logo nos habilitará a caminhar para mais além da teoria da relatividade (...) que físicos e matemáticos podem vir a conceber que as leis da relatividade da física (...) são fracos desenvolvimentos das leis do processo primário que governam nosso inconsciente e (...) que a relatividade só pode realmente ser compreendida durante a sessão de psicanálise (...) que a relatividade está descoberta (...) relatividade física (...) e a relatividade psíquica (...) estão ambas inextrincavelmente ligadas (...) a denominação de físico ou psíquico (...) relatividade é uma e a mesma coisa (...)” (p. 59).

Clinicamente, pode ser uma nova proposta metodológica de muita valia para aqueles que não se opõem a uma posição mais aberta face à abordagem psicanalítica convencional, caso exista a disposição para essa experiência de contato com a micropsicanálise, que, nesta resenha, foi definida como uma nova técnica para a psicanálise.